

# ARQUEOLOGIA

## O orgulho de ser pacense

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO ARQUEÓLOGO

Esta feita, o monumento epigráfico romano de que nos vamos ocupar detém especial encanto, mormente para todos – e serão muitos! – os que têm orgulho em apresentar, na cédula pessoal, a cidade de Beja como sua terra natal.

É que – ao contrário do que acontece e já vamos explicar porquê – os parentes de Quinto Cássio Vetoniano, falecido aos 26 anos de idade, quiseram que, no seu epitáfio, figurasse a menção da sua naturalidade: pacense.

**A INDICAÇÃO DA NATURALIDADE** É raro, ainda hoje, ver-se indicada, na lousa fria da sepultura do cemitério, a terra donde o defunto era natural. Tinha morrido ali, ali estava sepultado, donde viera ou onde vivera já nada interessava saber. E mesmo em S. Brás de Alportel, onde se criou o hábito de pôr um topónimo, esse é o nome da terra onde o defunto viveu e não obrigatoriamente o seu lugar natal.

Compreende-se, porém, que, para o historiador, a menção da naturalidade detém *mui* particular interesse. Para quê? Para os estudos demográficos, ou seja, a análise dos movimentos populacionais em determinada época. Donde veio? E quando? E porquê? Estará o leitor porventura recordado que, na edição de 30 de abril de 2021, ao depararmos com a existência, em *Pax Iulia*, de uma associação de bracarenses, logo nos perguntámos: que vieram eles cá fazer?

Tem, na verdade, muito que se lhe diga. Imaginemos numa escola: só se dá a alcunha de “alentejano” ao aluno que for do Alentejo; essa escola, porém, só pode ser numa terra fora do Alentejo. Por outro lado, é possível, no entanto, erigir-se estátua a um bejense ilustre na própria cidade de Beja, porque os promotores da homenagem têm orgulho em o contar entre os seus filhos.

Nesse caso, estando nós aqui, em *Pax Iulia*, diante do epitáfio de um romano de 26 anos – é um epitáfio de tipo familiar, um altar funerário para assinalar a sepultura e não o pedestal duma estátua a colocar em lugar público –, o que é que terá acontecido?

**UM PACENSE QUE VEIO DE FORA?** Não, de fora não poderia ter vindo, porque, nesse caso, não seria pacense com direito garantido ao adjetivo.

Importa, pois, voltar a debruçar-nos sobre o modo como o defunto foi identificado. Desconhecemos quem lhe mandou fazer o monumento. Alicia-nos a hipótese de terem sido seus pais, ainda que, no texto, essa informação tenha sido propositadamente omitida.

Quinto é o seu primeiro nome e são tantos os que tal nome tiveram que, hoje em dia, já nem se põe a hipótese de querer dizer que foi o quinto filho a nascer. Contudo, não deixa de ser curioso o nome de família: *Cassius*. Claro – como, na atualidade, seria estultícia considerar todos os Raposos pertencentes à mesma família – estes *Cassii* de Beja nada terão a ver, seguramente, com o *Lucius Cassius Celer*



que, no termo romano de Tavira, pagou a construção de uma porção (100 pés) do pódio do circo. E também dificilmente se relacionará com a quase dezena de *Cassii* de que há notícia na Lisboa romana, um dos quais, *Marcus Cassius Sempronianus* de seu nome, se notabilizou em Sevilha

como grande negociante de azeite (*diffusor olearius*).

Sucede, porém, que, até ao momento, de mais nenhum romano *Cassius* se encontrou rasto em *Pax Iulia*. Por isso, os investigadores atentaram no cognome deste, ou seja, o seu terceiro nome: *Vettonianus*. E por aí se foi, porque esse nome poderá, na verdade, resolver o mistério, uma vez que, nessa altura, havia os Lusitanos e havia os Vetões, estes um povo que fazia fronteira com a Lusitânia, mas se localizava para as bandas das espanholas Zamora, Toledo, Ávila, Salamanca...

Por conseguinte, torna-se plausível dar a seguinte explicação: os pais de Quinto eram vetões e emigraram para a região de Beja. Aí lhes nasceu o filhote em cujo nome quiseram plasmar a sua origem, de que tinham orgulho, e a naturalidade do filho, de que também tinham gosto em se orgulhar. Portanto: *Quintus Cassius Vetonianus Pacensis!*

Para essa conclusão já apontara, em 1958, Irene Arias, num artigo que hoje poderemos considerar inovador para a época, porque, servindo-se da mais variada documentação, se refere a contactos entre cidades, mestiçagens de povos e de gentes, pactos de hospitalidade e patronato... Esses e outros elementos passíveis de serem “Factores de união entre os antigos hispanos” (*in Cuadernos de Historia de España* 27, 1958). Esta inscrição vem citada na página 76.

**TRÊS NOTAS FINAIS** O monumento em causa é uma ara (altar) de mármore cinzento de Trigaches; mede 80,5 centímetros de altura, 53/47 de largura e 33/35 de espessura máxima no capitel e na base. O capitel tem fóculo (a cavidade para se queimarem incensos) em relevo e toros laterais. As letras rondam os 4,5/5 centímetros de altura.

Foi encontrado incorporado na muralha da cidade quando se procedeu à sua demolição para, no espaço deixado livre, se erguer o edifício do governo civil e repartições adjacentes. Informação veiculada por Abel Viana, na página 433 do II volume (1945) d’*O Arquivo de Beja*, sem que especifique a data do achamento. A Direção das Obras Públicas diligenciou no sentido de o monumento vir a ser depositado no Museu Rainha D. Leonor, onde lhe foi atribuído o n.º B 113, pintado na superfície frontal da base.

Finalmente, acrescentar-se-á que continua a ser relativamente rara a ocorrência do nome *Vettonianus*, porque, garantidamente, apenas se identificou em mais três localidades: em Nîmes (sul da França), em Forlimpopoli (perto de Bolonha, na Itália) e em Ain Zana (antiga Diana Veteranorum, na Numídia, norte de África).

Um documento, por conseguinte, que, na sua aparente simplicidade, muito tem para nos contar!